

O alegorista-colecionador: poesia, viagem e experiência afetiva em Murilo Mendes

Patrícia Pedrosa Botelho
Pós-doutoranda pela UFJF/MG

1. Introdução:

Buscando compreender a representação simbólica de Minas Gerais a partir da perspectiva cosmopolita de Murilo Mendes nas obras *Contemplação de Ouro Preto* e *A idade do serrote* e alicerçando a história pessoal do intelectual à ressignificação da História da nação brasileira, coordeno, desde agosto de 2014, um projeto de iniciação científica júnior (BIC/Jr.), financiado pelo CNPq, em conjunto com o doutorando em Estudos Literários da UFJF, Lucas Mendes Ferreira. O projeto intitulado *Mundominas: ressignificações do espaço mineiro e do cosmopolitismo na poética de Murilo Mendes*, conta com a participação de um bolsista e tem por intento investigar a poética de Murilo Mendes na configuração de um signo plástico em livros-quadro sobre diferentes objetos e cidades, a partir da relação entre Minas e Europa, considerando as relações de amizade do poeta com artistas das mais diversas áreas. Essas relações se delineiam na associação da poesia de Murilo com as obras de arte que compõem o acervo do Museu de Arte Moderna Murilo Mendes em Juiz de Fora. Os resultados parciais desta pesquisa foram apresentados na Semana de Iniciação Científica do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IFET/JF).

Com o objetivo de contribuir para a compreensão das trocas culturais e simbólicas proporcionadas pelo trânsito do intelectual Murilo Mendes entre o Brasil e a Europa e das marcas deixadas por essa experiência nas obras produzidas nessa conjuntura, propomos um trabalho de pós-doutoramento que está articulado ao projeto de pesquisa da Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Scher Pereira e ao projeto supracitado financiado pelo CNPq. A professora que propomos como orientadora apresenta vasto conhecimento sobre a obra do escritor por ter orientado várias pesquisas que versam sobre o assunto, por ter participado de várias bancas de mestrado e doutorado que refletem sobre a obra do poeta e por ter publicado ensaios, artigos e livros como material crítico bibliográfico que são fontes de investigação de pesquisadores que se

interessam pela temática do Modernismo, do arquivo, da coleção de Murilo Mendes e de outros escritores que convergem para esta temática. Sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Scher Pereira, pretendo buscar as relações afetivas e intelectuais estabelecidas pelo poeta Murilo Mendes, tanto quanto as referências culturais, históricas e literárias que funcionaram como motivação para as obras *Convergência*, *A idade do serrote* e *Janelas Verdes*. Pretendo articular o literário com o pessoal, o público com o privado, observando, no âmbito da crítica biográfica, a vinculação dos estudos da obra de Murilo Mendes com as variáveis de seu itinerário pessoal e intelectual.

Sendo Murilo Mendes um dos escritores fundamentais para a legitimação do Modernismo Brasileiro, o estudo de sua obra e de suas relações afetivas e intelectuais nos faz conhecer os arquivos de uma memória pessoal que se torna coletiva. O estudo sobre o acervo muriliano merece consideração crítica tanto por ser a maior coleção de Arte Moderna de Minas Gerais quanto por dar projeção internacional à cidade natal do poeta e outrossim por dar a conhecer o acervo pessoal e cultural de um intelectual que possibilita o conhecimento e o desenvolvimento de pesquisas sobre outros poetas, críticos, artistas e intelectuais.

Desta forma, o que este trabalho de pós-doutoramento propõe é além de buscar as relações estabelecidas com outros intelectuais, artistas e escritores especificamente nas obras *Convergência*, *A idade do serrote* e *Janelas Verdes* de Murilo Mendes, compreender como suas obras funcionam como instrumentos aglutinadores de relações inter-intra-extra textuais. Pretendemos analisar não somente a organização interna dessas obras, mas também de que modo a inserção de aspectos memorialísticos de um intelectual em trânsito opera no confronto entre a História e a (auto)reflexibilidade do sujeito na reelaboração literária e cultural do Brasil. Esta pesquisa pretende também investigar o conceito de viagem para o intelectual Murilo Mendes e a maneira pela qual sujeitos e lugares são representados por meio de uma construção discursiva que concatena pressupostos históricos, geográficos, culturais, literários, afetivos, memorialísticos e ficcionais.

A partir dessa pesquisa, propomos mapear a relação de escritores, artistas e intelectuais que não são somente citados, mas colecionados e postos em diálogo com Murilo Mendes nas obras *Convergência*, *A idade do serrote* e *Janelas Verdes*. Nossa pretensão é ir aos arquivos do poeta no MAMM e buscar as marcas do intelectual nas

obras em estudo, uma vez que o *grifo* na leitura é a prova preliminar da citação (e da escrita), da localização do sentido dado por aquele que lê (COMPAGNON, 1996). Buscar as marcas desse poeta nas obras que pretendemos estudar é um trabalho que reflete criticamente também sobre o leitor Murilo Mendes, i.e., aquele que busca o arquivo do outro para se fazer, se compor. Neste sentido, a escritura torna-se uma espécie de matrioshka, ou seja, aquela série de bonecas russas que sempre estão dispostas para o enigma e o desejo, incitando-nos a ler, a reler e a recomeçar, instigando-nos a investigar os vestígios, os traços e os resíduos ocultos das camadas encobridoras de sentido de que se revestem os discursos.

Nessa perspectiva, este trabalho com o acervo do poeta exigirá que se discutam categorias conceituais em torno das ideias de espaço e memória, experiência e linguagem, identidade e alteridade. Também se incluirá o debate teórico produzido pela academia sobre acervos, coleções, alegorias e musealização. Além disso, ainda revisitaremos e discutiremos conceitos da tradição da crítica literária, como cânone e autoria, leitura e tradução, originalidade e cópia.

O motivo pelo qual essas três obras foram escolhidas para compor o *corpus* deste trabalho deve-se ao fato de terem sido escritas em um momento de maturidade do poeta, quando já vivia na Europa e, principalmente, por trazerem à luz a questão da rede de relações afetivas e intelectuais de Murilo Mendes. É lícito que se questione que outras obras do poeta também abrigam referências a outros poetas e artistas; entretanto, as escolhidas para este estudo partem singularmente de uma memória individual (construída a partir da experiência e da subjetividade) e participam de uma memória cultural em que o intelectual se inclui como parte de uma memória compartilhada, pública.

Convergência foi escolhida particularmente por seus singulares grafitos e murilogramas que homenageiam intelectuais e artistas de várias estirpes e por se articular com as obras daqueles que a compõem; *A idade do serrote* por ser um livro de memórias e de afetos que traz em seu bojo resíduos de uma memória particular e pública e *Janelas Verdes* por ser a obra que carrega em seu cerne a própria alegoria do museu como grande preservação de uma memória; neste caso, uma coleção de cidades, de lugares, de monumentos e de partícipes da vida muriliana que se referem ao espaço português. Todas as três obras foram escolhidas por representarem essa grande galeria

que abriga a coleção do alegorista Murilo Mendes. Pensar teoricamente esse intelectual em trânsito através de sua interseção com outros artistas e com textos relacionados a arquivos individuais e coletivos revela-se um exercício crítico instigante e uma rede de possibilidades de leituras que amplia o campo das reflexões sobre o intelectual alegorista-colecionador, de que Murilo é um exemplo paradigmático.

2. Adentrando a proposta do trabalho:

O colecionar se origina de uma diversidade de motivos que não são facilmente compreendidos.
Hannah Arendt

O viajante é aquele que articula experiências em significado, que cria novas referências, que marca o outro com seu gesto e que, também, se deixa marcar pela identidade do outro. O viajante opera uma função próxima àquela do trapeiro (símbolo da modernidade baudelairiana), recolhendo e reciclando as vozes alheias que imiscuídas à sua linguagem tornar-se-ão outras¹. É aquele que flana, que recolhe as informações através do olhar, do imaginar e do fabular, reelaborando suas impressões por meio da linguagem, afinal o homem se traduz e se constitui na (e pela) linguagem (BAKHTIN, 2003). Aquele que viaja não é somente o que se apropria do alheio; também é aquele que se doa, que deixa entrever em sua tessitura os resíduos e as bagagens alheias, modificando e ressignificando aquilo que não é seu.

Uma viagem profícua é aquela que se empreende pelo espaço geográfico, cultural e literário do outro e, também, aquela que transita pelo espaço intrasubjetivo,

¹ Vale dizer, aqui, que nós, como leitores, também funcionamos como trapeiros na obra literária, já que transitamos pelos caminhos do autor-viajante e seguimos suas pegadas, suas marcas, apropriando-nos também da sua forma de ouvir, olhar, sentir e pensar.

traduzindo as experiências (relatadas e/ou vividas) de modo a fundar novas alteridades: do eu consigo mesmo, do eu com o outro e do eu com a cultura. A viagem é um modo de descobrir o outro e de se (re)descobrir. Sob à luz desta perspectiva, a viagem se torna a busca de uma complementaridade, a procura do desconhecido ou, ainda, a revisitação do conhecido. Fazer um percurso por um espaço - seja ele geográfico, cultural ou literário - é um modo de propor uma reelaboração das diferenças, das singularidades e das alteridades ao mesmo tempo em que demarca semelhanças, continuidades e ressonâncias (IANNI, 2003).

No que tange ao âmbito literário, a questão da viagem é campo fértil para debate, afinal a história dos povos está atravessada por essa temática, “como realidade ou metáfora. Todas as formas de sociedade, compreendendo tribos e clãs, nações e nacionalidades, colônias e impérios, trabalham e retrabalham a viagem” (IANNI, 2003, p. 13). Se direcionarmos nossas lentes para Portugal, o grande império das circunavegações - que durante os séculos XV e XVI executaram o projeto político-ideológico de expansão de seu império -, veremos que as travessias empreendidas trouxeram muitas contribuições não somente pelo descobrimento de terras e conquistas de povos, mas acabaram por ressemantizar a história do próprio país sob a égide de uma literatura que se propunha, inicialmente, a informar sobre novas culturas e civilizações e a cartografar novas terras.

Como sabemos, as viagens imprimem, na história, na identidade e na literatura de Portugal, uma modificação no próprio significado de seu tempo, de seu espaço e de sua memória. Por ter sido a precursora de um empreendimento que deu a conhecer nações, povos e culturas, a nação portuguesa imprime no cerne de sua produção literária o projeto das grandes navegações (PEREIRA, 2009). As travessias feitas (e também as tentadas) fazem parte de um discurso que congrega novas formas de sociabilidade, culturas, civilizações e que contribuem de modo significativo para o ser e o devir português. A escrita de viagem carrega em seu bojo um emaranhado de novas perspectivas, possibilitando o desenho de novas cartografias (inter)subjetivas. A figura do viajante é aquela que transita pelo conhecido, redesenhando-o, imprimindo suas marcas, dando a ver seus gestos e traduzindo seus gostos.

Este preâmbulo em torno da representação da viagem se faz necessário para apresentar o objetivo de uma pesquisa que busca compreender conceitos referentes a

espaço, deslocamento, experiência, coleção e viagem na poética de Murilo Mendes. Para analisar tais questões, buscaremos suporte nos conceitos referentes à tradução, à alegoria e à coleção de Benjamin; o papel da citação em Compagnon; o conceito de ensaio em Adorno; de arquivo em Derrida; de dialogismo em Bakhtin; de memória em Huyssen e de identidade e alteridade em Eric Hobsbawn, Tzvetan Todorov e Edward Said. Faremos uso também da fortuna crítica muriliana para dialogarmos com as pesquisas encerradas e em desenvolvimento.

Vale dizer que *Janelas Verdes* - uma das obras que compõe o *corpus* deste trabalho - é uma das obras menos estudadas e menos reconhecidas pela crítica de Murilo Mendes. Resolvemos fazer uso da mesma por trazer em seu âmago a temática da viagem que perpassa a composição poética e a biografia do próprio autor. Trata-se de uma obra instigante por dialogar com a tradição da narrativa de viagens como *Viagens na minha terra* de Garrett, do século XIX ou, ainda, com *Viagem a Portugal* de Saramago, coetânea a ela, e que processa relações histórico-culturais e afetivo-pessoais de modo muito particular com a História de Portugal.

Janelas Verdes não é uma reflexão sobre o deslocamento, a aventura e as peripécias de um personagem-viajante; é um texto com caráter autobiográfico enlaçado com relatos de experiência e criação literária. Estamos a propor a análise de uma prosa poética que faz alusões a intelectuais, referências históricas, remissões a textos do próprio autor e a alheios reunindo o prosaico e o poético às representações da memória. O que se (re)encontra não é somente o espaço físico português, mas o enredo de um povo, de sua história, de sua arte e, em especial, de sua Literatura. Deste modo, analisar esta obra é também abranger os conhecimentos inerentes à História, à geografia, à cultura e à literatura lusófona; é buscar também os pontos de contato entre Brasil e Portugal, países cujas histórias se interseccionam.

Janelas Verdes não é um roteiro de viagem, nem há a pretensão de se chegar a algum lugar específico. As cidades e os intelectuais portugueses vão sendo amalgamados randomicamente como parte de uma motivação pessoal, afetiva. O repertório português geográfico, literário e cultural que é apresentado ao leitor é disposto como parte de uma coleção² que ata as pontas de histórias reais e imaginadas. Um inventário de nomes de historiadores, de poetas, de músicos e de pintores é arrolado como parte da herança de um “museu afetivo”, cuja herança é composta pela

representação da memória muriliana (marcada por digressões, progressões, saltos e lapsos). As citações diretas e indiretas a intelectuais de toda estirpe expõe uma coleção das preferências artísticas de um poeta colecionador, como no sentido que Benjamin atribui a esse conceito: “[...] a atitude do colecionador, no sentido mais elevado, [é] a atitude do herdeiro” (BENJAMIN, 2007, p. 406). O que, à primeira vista, pode parecer uma rememoração privada de Murilo Mendes, torna-se uma recordação pública, já que o pessoal e o coletivo estabelecem um trânsito discursivo (a busca da tradição e da modernidade de Murilo Mendes é um caminho que propicia a passagem pelo arquivo cultural de uma memória coletiva que expõe os cheiros, as imagens e os rumores luso-brasileiros).

A imagem do museu é a alegoria de *Janelas Verdes*. As ramificações desse complexo memorialístico são cartografadas para habitar os setores e galerias deste museu que entrelaça as predileções individuais a um repertório coletivo. O próprio título da obra nos remete também a um museu, i.e., ao Museu das Janelas Verdes, em Lisboa. Contudo, as notas do autor no fim do livro nos diz que ele estaria se referindo a “espaços abertos; à liberdade; ao campo e mar de Portugal, ao verde que ali nos envolve sempre” (MENDES, 1994, p. 1444). Como nos ensina Benjamin (2007), há que se desconfiar do que dizem os escritores a respeito de suas próprias obras. Deste modo, acreditamos que a obra em estudo não se refira somente ao museu supracitado, mas sua referência obviamente não é fortuita. Fazer uso de um museu como título de uma obra, como referência para divagações literárias e, ainda, seguir a arquitetura deste espaço é uma forma de o poeta muriliano trazer à tona questões que problematizam a representação deste conceito na sua obra. Pretendemos analisar ao longo dessa pesquisa a relevância da representação deste espaço de musealização na obra muriliana e que papel cumpre o intelectual colecionador. Nessa perspectiva, orientaremos nossa pesquisa partindo de *Janelas Verdes* por ser esta obra a que traz explicitamente a

2 Estamos fazendo uso do termo ‘coleção’ no sentido que Benjamin atribui ao conceito. Para o filósofo, o mundo do colecionador está organizado segundo um “arranjo surpreendente, incompreensível para uma mente profana. Este arranjo está para o ordenamento e a esquematização comum das coisas mais ou menos como a ordem num dicionário está para uma ordem natural”. (BENJAMIN, 2007, p. 241). Sob esta perspectiva, a ordem do mundo do colecionador não é aquela que segue os parâmetros tradicionais de organização.

imagem do museu. Em seguida, investigaremos em *Convergência* e em *A idade do serrote* a representação desse espaço.

O que está patente em *Janelas Verdes* é a representação de uma memória histórica, geográfica, artística e sensorial daquilo que Murilo Mendes considerava uma “segunda pátria, terra da ancestralidade e do amor” (PICCHIO, 1994, p. 30). A investigação que parte dessa prosa poética de Murilo Mendes contribui não somente para o melhor conhecimento da tessitura poética brasileira (o que, obviamente, já não seria em si um “somente”), mas, também, para a compreensão de um labor que transfigura a tradição portuguesa como aporte para diálogo com a modernidade.

Neste “livro-museu”, adentramos galerias que entrelaçam tempos, espaços e sensibilidades além de artistas portugueses e brasileiros que serviram de arauto para a formação e maturidade literárias de Murilo Mendes. O poeta também está a se expor como parte de seu acervo. As janelas deste museu são uma maneira de ver o outro e uma maneira de ser visto, já que quando abrimos uma janela, possibilitamos a visibilidade de algo no exterior, ao passo também, que damos a ver o que está por dentro, no interior desse espaço. As janelas podem não ser somente o lugar de onde se observa, mas também de onde se é observado, ou seja, exterioriza-se o interior à medida que se interioriza o exterior.

No setor I, atravessamos os aspectos físicos, os movimentos das cidades portuguesas. Alguns espaços têm destaque como a cenografia de Leiria, que é o ponto de encontro que abriga os sonhados castelos da infância do autor, as recordações dos espaços criados por Eça de Queirós em seus romances e a relação entre os pinheirais e o rei-trovador D. Dinis. A ingremidez das ladeiras lisboetas, que o poeta de modo lúdico afirma ser o motivo pelo qual os portugueses se voltaram para o mar e para os descobrimentos, toma um espaço maior nesta galeria do acervo muriliano também por ser a cidade que pastoreia o rio e o mar, cujo azul do céu seria incomparável a qualquer outro e, ainda, por ser Lisboa a cidade que remete às varinas, à Batalha de Alcácer-Quibir, ao Museu de Arte Antiga (ou das Janelas Verdes), a Cesário, a Vieira da Silva, a Sophia de Mello Breyner e a Jorge de Sena. O que o autor tece com suas referências são mais que relatos de viagens; são, antes, informações geográficas, históricas, culturais, visuais, auditivas e sensoriais.

O setor II é composto por leituras de obras literárias, por encontros com artistas, por diálogos com artífices da linguagem e das artes plásticas. Os entrelaces tecidos, nesta segunda parte do livro, faz um itinerário literário-cultural. Gil Vicente é confrontado com artistas do século XX. Padre Antônio Vieira remeteria ao poema “Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta” de Mário de Andrade por apresentar diversificados ofícios. Mariana Alcoforado compõe também uma das galerias por ser aquela que, com suas cartas, buscou amalgamar o lirismo ao desespero de estar distante de seu amado. Camilo Castelo Branco é a imagem da pena que trabalha em prol da lapidação da ideia da morte. Já as leituras de Eça de Queirós remetem Murilo Mendes às memórias da juventude no liceu e, ainda, seriam as responsáveis por despontar no poeta uma atitude inconformista e revolucionária diante da sociedade. As galerias mais afetivas, não poderiam deixar de ser aquelas em que homenageiam Jaime Cortesão e Vieira da Silva. Seu sogro, grande historiador português, é-nos apresentado como um investigador poliédrico, digno de grande admiração pelo que representou para a cultura luso-brasileira; já a pintora portuguesa é congratulada com elogios que nos mostram que ela era capaz de produzir quadros que concatenassem uma capacidade sinestésica (de ouvir ao mesmo tempo em que se deixassem ver) e as ressonâncias de Mozart, de Haydn e de Debussy.

Em *Janelas Verdes*, Murilo Mendes une a História e a geografia de Portugal à produção cultural deste país. O poeta deixa transparecer seus grifos de leitura da juventude e aqueles da maturidade; registros advindos da literatura alemã, francesa, inglesa, portuguesa e brasileira são encontrados em sua escrita. De todo modo, o lugar de que Murilo Mendes fala não é aquele destinado ao intelectual que nega sua identidade para se afirmar como europeu (SANTIAGO, 2002). É antes a do brasileiro que faz uso de suas atribuições identitárias para partir para um processo de “transculturação”³ (TODOROV, 1999): a cultura de origem é impregnada pela

3 Acreditamos que o conceito que Todorov faz uso para se referir à sua vida pessoal poderia ser aplicado também à de Murilo Mendes. Todorov ao fazer um relato de sua própria vida em *O homem desenraizado* problematiza a questão da aquisição de duas culturas. Ao falar sobre sua identificação com Sófia, cidade natal e capital da Bulgária (país de origem), também discute o fato de já se sentir integrado à capital francesa por lá ter passado 18 anos de sua vida (no momento da publicação do livro supracitado).

aquisição de novas leituras, de novas visões e de novas perspectivas. Na esteira de Tzvetan Todorov, é neste momento que o ocorre o “desenraizamento”, i.e., o sujeito não tem sua cultura de origem degradada, mas adquire de modo ininterrupto um novo código. Octavio Ianni (2003), a esse respeito, nos diz que o viajante, à medida que viaja, se desenraiza, se solta, se liberta. Tanto se perde como se encontra, se modifica e se reafirma; aquele que parte nunca seria o mesmo que regressa. “Quem viaja larga muita coisa na estrada. Além do que larga na partida, larga na travessia” (2003, p. 30). Sob esta perspectiva, questionamo-nos: qual o conceito de viagem, de espaço e de experiência para Murilo Mendes? O que representam determinados espaços, intelectuais, artistas e escritores para Murilo Mendes? De que modo esses sujeitos e espaços são representados em sua construção discursiva? Estas são apenas algumas das perguntas que pretendemos responder ao longo dessa pesquisa. De todo modo, partimos de algumas reflexões para começar a trilhar nosso caminho em busca de nossas respostas.

No que tange ao poeta juiz-forano, acreditamos poder dizer que Murilo Mendes converge para um duplo pertencimento, ou seja, ao Brasil, por aqui ter nascido e por ter em sua juventude relações de apreço basilares (e, muitas vezes, até de amizade) com escritores da estirpe de João Cabral, Mário e Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Drummond, e à Europa, por promover uma maior abrangência quanto ao refinamento cultural e a proximidade com artistas de outras culturas. O próprio fato de inserir em seus livros citações em francês e em italiano (e também de ter escrito um livro em italiano, *Ipotesi*) nos revela essa adaptação a outras línguas e a outras culturas sem perda de referências. A apropriação que Murilo Mendes faz das questões culturais, históricas e literárias de outros países é uma questão relevante a ser estudada, tendo em vista que o sabor do conhecido está sempre revestido de desvio, de diversidade, de outra tonalidade.

A colagem muriliana (presente em quase todas as obras, mas muito singularmente, como já dissemos, em *Convergência*, *A idade do serrote* e em *Janelas Verdes*) produz uma espécie de mosaico poético e cultural que representa o outro ao se representar. O rastro do outro não é apagado, é antes revisitado e ressignificado e se ergue sob a égide da pluralidade. Sob esta perspectiva, produzir entendimentos para uma prosa poética que traz impressa em seu cerne a reflexão sobre a cultura do outro acaba por nos fazer redesenhar e ressemantizar também o que é nosso. Murilo Mendes é

um poeta que alia tradição literária à modernidade, dando a ver os “traços indiscretos” das excursões e incursões de suas leituras (COMPAGNON, 1996); é um sujeito que não se deixa enclausurar na cultura de seu passado (e de seus ancestrais), é aquele que não pressupõe que a cultura seja um código imutável (TODOROV, 1999); ele se apropria da cultura alheia para transformá-la, para não deixá-la relegada ao desaparecimento.

A poética muriliana traz matricialmente a marca dos objetos emblemáticos da escrita: do papel, da tesoura e da cola (COMPAGNON, 1996); o tecido que se forma está ornado por recortes, extrações, e também por alinhavos, costuras e montagens. O escritor deixa ressoar em sua escrita as leituras e as citações que tece com artistas de outras nacionalidades/culturas. Seu trabalho traz a imagem do autor como *bricoleur*, para usar uma imagem do escritor em Borges (2007); trabalha com o material que encontra em suas leituras, monta com os alfinetes seus grifos e ajusta sua escrita chuleando artesanalmente suas experiências às alheias, como o narrador-viajante de Benjamin (1994).

3. Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. “Walter Benjamin”. In: *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ARRIGUCCI JR., Davi. “Arquitetura da memória”. In: *O cacto e as ruínas: a poesia entre outras artes*. São Paulo: Duas Cidades, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Org. Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

_____. “O colecionador”. In: *Passagens*. São Paulo: Editora UFMG, 2007.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

GARRET, Almeida. *Viagens na minha terra*. São Paulo: Clássicos Garnier, 1969.

IANNI, Octavio. “A metáfora da viagem.” In: *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis: Vozes, nº. 2. mar./abr., 1996.

KAPLAN, Sheila. *Murilo Mendes – Poeta Colecionador*. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.

LOPES, Patrícia Ribeiro. “Navegar é preciso? (Portugal, viagem e narrativa da nação em Murilo Mendes e José Saramago)”. Dissertação de mestrado. UFJF, 2000.

LULA, Darlan de Oliveira Gusmão; NEVES, José Alberto Pinho (orgs.). *Murilo Mendes: retratos-relâmpago*. Juiz de Fora: UFJF/MAMM, 2012.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Org. Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MERQUIOR, José Guillermo. “Murilo Mendes ou a Poética do Visionário”. In: *Razão do poema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

PEREIRA, Maria Luiza Scher. “Fronteiras e margens a travessadas, relatos de viagem.” In: LOBO, Luiza (org.). *Fronteiras da Literatura: Discursos transculturais*. v. 2. RJ: Relume Dumará, 1999.

_____. “Nem Manual, Nem Museu: Portugal em Saramago e Murilo Mendes”. In: *Ipotesi: revista de estudos literários*. Juiz de Fora: Editora UFJF, v. 4 – n.2 – jul./dez. , 2000.

_____. (org). *Imaginação de uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2004.

_____. *A jangada e o elefante, e outros ensaios*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2009.

PONGE, Robert. “Sobre a chegada e a expansão do Surrealismo na América Latina”. *Surrealismo*. Rio de Janeiro: CCBB, 2001.

SACRAMENTO, Ozana Aparecida do. “Viajando por terras portuguesas: um estudo de *Janelas Verdes*, de Murilo Mendes, e *Viagem a Portugal*, de José Saramago”. Tese de doutoramento. UFMG, 2011.

SANTIAGO, Silviano. “Por que e para que viaja o europeu?” In: *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SARAIVA, António José e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora: 1975.

TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.